



Olhares Cruzados



REALIZAÇÃO



PARCERIA



Secretaria de Direitos Humanos

GUARANI KAIOWÁ PAI TAVYTERA



Apresentação

O projeto “Olhares Cruzados”, desenvolvido pela OSCIP Imagem da Vida, apoiado pela Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República – SDH/PR e pelo Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente – CONANDA, se torna uma prática inovadora porque se insere no contexto da fragilidade na assimilação de valores da população indígena, especialmente os Guarani-Kaiowá.

Tem como base a experiência realizada entre março e maio de 2012 em três aldeias Guarani-Kaiowá do Mato Grosso do Sul (MS) e na Guarani Pai Tavytera no Paraguai, cujos resultados expressam avanços metodológicos na abordagem da temática dos direitos humanos das crianças e adolescentes indígenas.

A metodologia desenvolvida na execução do projeto, fundada no princípio do “conhecer-se para fazer-se conhecer” – que promove troca de saberes transgeracionais entre os mais velhos e os jovens das comunidades por meio de entrevistas – levou crianças e adolescentes a vencerem as diferenças de idade e a vergonha, como eles dizem, para formular perguntas aos adultos que, por sua vez, destacam a importância em transmitir o conhecimento tradicional e a experiência adquirida ao longo da vida para as novas gerações.

A parceria estabelecida entre os parceiros para a realização do projeto é de extrema relevância para garantir os direitos de crianças e adolescentes indígenas, a disseminação de sua cultura, o fortalecimento da identidade indígena, bem como promover uma discussão em âmbito nacional para o desenvolvimento e implantação de políticas públicas voltadas para o público em questão.

Soma-se a isso o fato de que o trabalho

Jechukarã

Ñemba'apo OLHARES CRUZADOS ojejapova OSCIP Imagem da Vida rupive oñepytyvõ avei Secretaria de Direitos humanos Presidência da Republica – SDH/PR há Conselho Nacional dos Direitos da Crianças e do Adolescente – CONANDA, há'e pete'ĩ ñemba'apo pyahy omba'apogui umi temikotevetere há ojuhuvarevoi tekoha guasupe guarani há kaiowa rekohepe.

Ñemba'aporã oipyhy oje'eva'ekue março ha maio 2012 ro'yhope mbohapy tekoha guarani há kaiowape há Pa'ĩ Tavyterã Paraguaipegua uperupi ojehecha oñemotonde porãha oje'evare mitã há pyahukue-rareheguaava guarani há kaiowa.

Temiapo ojejapova há'e ojeikuaavare há ojeikuaava'erãre – upeva ojejapo ñembohassa ojeikuaava ojoupe.ha'e itujaveva terá ipyahuvandive, ñemongetarupive umi mitã há pyahukuera nahiotĩveima imba'eporandu haguã umi itujavevape, umi itujaveva he'ĩ tekoteveha voi ombohassa mba'ekuaa avamba'eteeva umi pyahukuerape, umi mba'e kuaa oipyhyramo ikatuta omboguata porã teko tee teko joja.

Ñemba'apo ñiondivepa imbarete omboguatahaguã umi mitã há pyahukuera guarani há kaiowaremikotevẽ, omombarete haguã heko tee há reko joja, uperupi avei ñemongeta guasu ikatuvã'e ojehecha mba'eicha ikatu ojejapo ñemongeta guasuve avakue-rarehe ñorairõ.

Oñembyaty umi mbarete ñemba'apo ojejapova ojepyhy haguã politica nacional Direitos humanos há avei Programa Nacional de Direitos Humanos-3 há avei tenonderã ñemboguatahaicha mbohapyha ombojoja haguã opavave ijoe'ãvã, há ojejapova'erãicha oiva eixo IV (EO IV): Ñembo'epy há avei teko tee oiva'e Direitos Humanospe.



desenvolvido é intrinsecamente comprometido com a efetivação da Política Nacional dos Direitos Humanos e, especificamente com o Programa Nacional de Direitos Humanos-3, tanto em seu Eixo Orientador III: universalizar direitos em um contexto de desigualdades, quanto no Eixo Orientador IV (EO IV): educação e cultura em direitos humanos.

No que diz respeito ao primeiro, o trabalho da organização se coaduna com a Diretriz 8: promoção dos direitos de crianças e adolescentes para o seu desenvolvimento integral, de forma não discriminatória, assegurando seu direito de opinião e participação, visando a implementação dos Objetivos Estratégicos I e III, respectivamente: “I. Proteger e garantir os direitos de crianças e adolescentes por meio da consolidação das diretrizes nacionais do ECA, da Política Nacional de Promoção, Proteção e Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente e da Convenção sobre os Direitos da Criança da ONU e; III. Proteger e defender os direitos das crianças e adolescentes com maior vulnerabilidade”.

O produto final do Projeto “Olhares Cruzados” propiciará o diálogo e contribuirá para a ampliação de políticas públicas para o atendimento às demandas específicas de crianças e adolescentes do universo Guarani-Kaiowá.

ANGELICA GOULART

Secretaria Nacional de Promoção dos
Direitos da Criança e do Adolescente
Secretaria de Direitos Humanos da
Presidência da República – SDH/PR

MIRIAM MARIA JOSÉ DOS SANTOS

Conselho Nacional dos Direitos da
Criança e do Adolescente - CONANDA

Oje'ehagueicha tenondepe upe
ñemba'apo oñembogata oiaicha upe
Diretriz 8pe: Omomba'eve haguã mitã
há pyahukuera tekoteveteva oipyhyve
haguã temimba'ekuaa ñembohorye'ÿre,
uperupive oipyhy haguã iñe'êha he'i hagua
avei tenondeguãrãre. Oñeñangarekove
haguã mitã há pyahukuera oikotevemivare
karai mba'ekuaahape avei herava ECA
pe política nacionalpe o'iva. Upeicha
avei ojejapo haguã umi opavave mitã há
pyahukuera remikotevere oiva avei karai
mba'ekuaa ONUpe. Oñeñorairöve hagua
umi mitã há pyahukuerare.

Oñemboapyhape mba'apo Olhares
Cruzados oipytyvöta opavavepe
ñemongeta umi mitã há pyahukuera
guarani há kaiowa remikoteverê opavave
karai mba'ekuaahapeguandive.

ANGELICA GOULART

Secretaria Nacional de Promoção dos
Direitos da Criança e do Adolescente
Secretaria de Direitos Humanos da
Presidência da República – SDH/PR

MIRIAM MARIA JOSÉ DOS SANTOS

Conselho Nacional dos Direitos da
Criança e do Adolescente - CONANDA

Guarani Kaiowá

A história dos povos indígenas no Brasil, cuja cultura, identidade e memória vivenciam quase cinco séculos de agressão, negligência de seus direitos e desrespeito à sua diversidade, não tem o devido reconhecimento da sua importância como pertencente não apenas ao povo brasileiro, mas partícipe da própria história do país.

Apesar dos esforços para a inclusão dos povos indígenas no processo de desenvolvimento econômico brasileiro, os Guarani-Kaiowá são ainda uma das populações que mais sofrem devido à luta para a recuperação do seu território e a manutenção da sua cultura e identidade coletiva. Observa-se entre os mais jovens o sentimento de desesperança e impotência.

Segundo informe da UNICEF de maio de 2011, no Mato Grosso do Sul a taxa de 166 suicídios por cada 100 mil indígenas é mais do que 34 vezes maior que a média nacional. Quando se analisa os números da população jovem, a situação se agrava. São 446 suicídios para 100 mil indígenas, índices puxados pelos municípios de Amambai, Dourados, Coronel Sapucaia, Paranhos e Tacuru, onde se concentram o maior número de aldeias.

O relatório sobre as condições de vida dos povos indígenas divulgado em 2010 pela ONU alerta: os Kaiowás do MS estão entre as comunidades nativas que nos últimos anos mais registraram suicídios em massa entre jovens índios no planeta. O trabalho *State of the World's Indigenous Peoples* relaciona a ocorrência de mortes à situação vivenciada hoje pelos cerca de 46 mil integrantes desta etnia que expulsos de suas terras lutam pela retomada dos seus territórios tradicionais. Esse

Guarani Kaiowá

Ñemombeu te'yi kuera Brasilpeguavare, há'e heko, iñe'ẽ há oipyhyva'ekue oiko'asy araka'e popa ro'yho, noñemomba'eguasui há'ekuera imba'eva, ñembohoryro oiko, ndojehechakuai heko tee, ndojehechai yvyporaramo há nomombaeteei heta ro'y oikomaha ko tekoha guasupe há avei ikatuma oñemombe'u ñe'ẽ opavavepe koarupi ajehuva'ekue.

Oñeha'ãjepe opamba'e ojejapo ikatu haguãicha te'yikuera ojehecha há oñemoi haguã ko mbairy kuera ñembaapo porarame avei, guarani há kaiowa há'e ojehecha te'yikuera oikoasyvevavo, ijyvyre oikoivaiva, omomba'eguasui haguã heko, iñe'ẽ, heko tee há avei pe há'e imba'eteva oñondivepaguasui ojeikohaguã. Ojehecha umi mitã karia'y há kuñataĩre jeikoasygui ndojehesamondoveima tenondeve iporava'erãre.

Mbairy kuera mba'ekuaaha herava UNICEF, Maio 2011 ro'yho ko Mato Grosso do Sulpe 166 ojejukava iporupi 100 mil te'yi pa'ũguegui tuichave umi jejuka ojehuva tekoha guasu Brasilrupi.

Jeipapaha rupive jehecharamo umi mitã karia'y há kuñataĩ kuera jeikoasy há'e tuicha eterei. Há'e 466 ojeaheiva ijehe 100



trabalho cita dados do Ministério da Saúde de 2000 a 2005, segundo os quais a taxa de suicídio entre os Kaiowás foi 19 vezes mais alta do que a média nacional, afetando marcadamente adolescentes e jovens adultos. O fenômeno tem nome em guarani: jejuvy, que significa aperto na garganta, angústia. A sensação de definhamento de toda uma cultura, somada à situação de exclusão social e econômica, afeta principalmente os jovens, que não se conectam à sua história nem ao seu presente.

Desde 2011, a OSCIP Imagem da Vida em parceria com o Conselho Aty Guasu vem procurando contribuir para a reversão desse quadro. Trabalhando com os jovens Guarani-Kaiowá a importância do protagonismo juvenil para os processos de transformação e a necessidade de organização coletiva para a reivindicação de direitos. Ao valorizá-los enquanto agentes da transformação das condições de vida do seu povo buscamos fortalecer suas identidades e iniciativas.

DIRCE CARRION

Coordenadora do projeto Olhares Cruzados

mil te'yi pa'ũguegui mba'e kuaa ojepyhy akue tekoha Amambai, Dourados, Coronel Sapucaia, Paranhos há Tacuru umi heta-vehape te'yi rekoha.

Ojehaiva'ekue te'yikuera rekohe ojechuka 2010 ro'yho ONU rupive oje'eva, kaiowa kuera Mato Grosso do Sul pegua há'e te'yikuera ko'apeguavoi há ko'áva ro'yho ojehasavaekuerupive ojehecha heta-ve ojeaheiva hekovere, hetavevoi ko umi ojehuvaui vvy apere. Ñembaapo State of The Worlds he'i umia jejuka guasu ejuhavare, oĩ 46 mil i te'yikueraui ojeipe'ava hekoha há avei oñorãiro jey hekohague-re. Ko ñemba'apo ohechauka Ministério da Saúdepe 2000 há 2005 ro'yhopeve guare, uperupi he'i ojejukava umi kaiowakuera tuichave 19 ñembojoapy tuichaveva tekoha guasu Brasil peguagui ojehuva há'e karia'y, kuñataĩ há tuichavare avei. Ope ojehuva'e oje'eva guarani etepe jejuvy, heiseva ojeopyva ahy'ope. Há'eteva ojeopypava heko, iñe, ẽ ojeipyhyva heta mba'egui oñemboykevagui há opavavegui ohypytyva hetaveva umi karia'y há kuñataĩ kuera do hechaporãivyteriva heko tee ymã guareva há henonderãre nomañaiva.

2011 rp'yhoguive OSCIP ta'anga teko rehegua ñemongeta Aty Guasu pegua ndive ojeporeka tapere pyahy ojehu haguãicha piorava umi te'yikuerape. Oñembaapo umi pyahu kuerandive guarani há kaiowava há'e kuera omoakãva'erã tekoha, tendotarã mbaechapa oipyhy va'erã oñemoĩporã haguã tekoha há tembiapo tekohape, ojejapova'erã oñondivepa peteicha ojepyhy haguã te'yikuerape heko porãra. Momba'eguasui arã umi pyahukuerape uperupive ojehechauka haguã chupekuerape tape porã há py'aguasu omotenonde hagua tekoha avei te'yikuera omomba'e guasu hagua iñe'ẽ há heko tee.

DIRCE CARRION

Coordenadora do projeto Olhares Cruzados

Diversidade reconhecida na lei e no currículo escolar

Quando um governo que se compromete com questões relacionadas aos interesses do movimento social é eleito, como foi o do presidente Lula e o da presidenta Dilma Rousseff, é natural o reconhecimento do caráter plural, pluriétnico e multicultural do povo brasileiro transformar-se em ações objetivas. Povo cujas raízes encontram-se reconhecidas na própria Constituição de 1988, que define o Brasil como nação de origem afrodescendente e indígena, em sua mais pura essência.

Ao identificar a diversidade presente na história do Brasil como um valor – com suas práticas culturais, religiosas, étnicas, raciais, de gênero – o governo federal atuou sobre os mecanismos sociais presentes e a valorizou por meio da institucionalização de duas importantes leis: a Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, e a Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008.

Essas leis incluem no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Conforme texto legal, o conteúdo programático acrescentado nas Diretrizes e Bases da Educação Nacional inclui aspectos que caracterizam a formação da população brasileira, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros no Brasil, e o negro e o índio na formação da sociedade, resgatando as suas contribuições nas áreas social, cultural, econômica e política.

A Lei nº 10.639/2003 ainda inclui no calendário escolar o dia 20 de novembro como o “Dia Nacional da Consciência Negra”, a ser considerado como momento de reflexão em todo o território nacional.

Cabe ressaltar que, de acordo com a Resolução nº 1/2004, do Conselho Nacional

Opavave ojehechakava kuation guasure há avei mbo'eroga ñemboquata haguaiçha ojehaiva'e

Mbairy mboruvicha guasu oipytyvoseva umi te'yikuera remikotevêre, hembipotare há omo'iva jojahape hemikotevekuera, ojapo hagueicha Presidente Lula há avei Dilma Rousseff, ojehechakuaa voi ojejapova ñondivepa opavave ojejapova'e ambue kuerandive omomba'etee há omohenda hagua ojeipyhyseva. Te'yikuera hapo oimeva'e Constituição 1988 ro'yho, ojapova Brasilgui opavave ambue te'yieyva a te'yiva avei opavavepe avei.

Ojehechavo iñambueha avei ojehuha ñemombe'u Brasilreheguava oñemomba'eguasuva heko teepe, iñembo'epe, heko opavavepe, terá kuña há kuimba'e. Mboruvicha guasu federal omba'apove ombojoja hagua ambue kuera ojehuva ko'anga há omomba'eguasuve mokoi jejapoharã kuatiare ojehaiva'ekuere há'e jeipapahare oiva 10.639, ojehai va'ekue 9 de janeiro de 2003 avei 11.645 ojehaiva'ekue 10 de março 2008 pe.

Umi jehaipyre oime kuation jehaipyrere ikatuva temimbo'erã ñemombe'upyrã teko mbairy há te'yireheguava. Kuation jehaipyrere oimehaicha he i ñemba'aporã oimeva pe Diretrizes há base nacional da educação, oñemoi mba'eicha ojejapo yvypora joja tekoha guasu Brasilpeguava'e há avei ejehesamondo ñemombe'upy Africa rehe avei upepe oikova'e africano kuera-re, oñorairo umi Africano ko tekoha guasu Brasilpe, há'ekuera há avei Te'yi ojehechakakuaasegui opavave ojejapova'e ko Tekoha guasupe ambue kuerapeguarã.

Kuation jehaipyre jejapoharã 10.639/2003pe ojeipyhy avei mboeroga mboguatahare 20 de novembro mandu'rã umi Africanore, ikatu haguaiçha ñemomandua há ojehechave heko tee kuera opavave tekohare avei.

de Educação, a Educação para as Relações Étnico-Raciais objetiva a divulgação e a produção de conhecimentos, bem como de atitudes, posturas e valores que eduquem cidadãos quanto à pluralidade étnico-racial, tornando-os capazes de interagir e de negociar objetivos comuns que garantam, a todos, o respeito aos direitos legais e a valorização de identidade na busca da consolidação da democracia brasileira.

Valorizar as raízes africanas e indígenas da nação brasileira é compreender a diversidade articulada à ideia de “igualdade na diferença, de diferença na igualdade e de diferença socialmente transformada em desigualdade”, procurando eliminar preconceitos ainda arraigados na sociedade, visando reparar, reconhecer e valorizar a identidade, a cultura e a história dos negros e indígenas brasileiros.

As leis são passos importantes, mas o maior desafio continua sendo o estabelecimento de relações cotidianas respeitadas e promotoras de justiça social, bem como a garantia do direito a uma educação escolar diferenciada, que promova firmemente o processo civilizatório e de desenvolvimento sustentável do país.

MACAÉ MARIA EVARISTO

Secretária de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão do Ministério da Educação



Ikatu avei oje'e pe kuation mba'e kuaare ojehaiva Resolução 1/2004, Conselho Nacional de Educação há avei Relações Étnico-Raciais omomba'e jehechakapyrã há jejapova'erã tembikuaa avei jejapoteeva, imba'evavoi há oñembo'e haguaiçha terá ñembohetave haguã heiseva étnico-racial, uperupive ombopuakave ikatu haguaiçha oñomongeta há oñorairo umi heko teere avei jehechakuaa há ojejapovaguive peteijoapepa oñemoi haguã.

Ñemomba'e guasu Africano há Te'yi kuera rapo Brasilpeguava'e avei ojeipyhy upe heko ndaijojaiva'e omoaguí haguaiçha upe ijojavare, ijojava ijojae'yvare há ijojae'yva ijojavare há ijojae'yva opavavendive ijojapae'yvare, uperupi ojeheja haguã ae'y ojehuva'e yvypora pa' ýme, ikatu avei ojehecha há oñemomba'eguasupe imba'etee, heko há i'ñemombe'u pyre ymanguareva africano há te'yikuere.

Umi leis, há'e oguereko tuicha puaka, avei ndopai uperupi tape ipuku vyteri ojeikoporave haguaiçha bopa ararupive avei ñemomba'eva haguaiçha há oipyhy haguã mbo'eroga iñambueva hekoetepe há ikatuva ojehecha opavave uperupi ojeheja e'yru heko há ombojoja haguã opavave ojehuva'e ko tekoha guasu Brasilpe.

MACAÉ MARIA EVARISTO

Moñe' ñepyrumby kuatiare ojehaiva omo va Ministerio da Educação

A importância do Aty Guasu dos jovens Guarani e Kaiowá

O presente artigo apresenta a luta e demanda contemporânea dos jovens indígenas Guarani e Kaiowá através da assembleia Aty Guasu, buscando as efetivações de seus direitos fundamentais no contexto atual.

Para a fundamentação deste artigo centrei-me nos trechos do documento escrito divulgado do Aty Guasu dos Jovens Indígenas Guarani e Kaiowá, realizado em janeiro de 2014. Por fim, em parte considere os relatos dos jovens Guarani e Kaiowá que foram fundamentais para elaboração deste artigo.

A princípio, o Aty Guasu foi e é vital para a ação e valorização dos *jeroky* (rituais religiosos, com cantos e rezas para proteção) pelas famílias indígenas envolvidas na luta pelas efetivações de seus direitos às terras, à saúde, à educação, ao esporte e lazer. Esse conjunto de aspectos resulta no fortalecimento da etnicidade indígena e na maior força de coesão entre as famílias extensas e comunidades de modo geral, em todos os *tekoha* Guarani e Kaiowá.

Os Aty Guasu são entendidos pelas lideranças Guarani e Kaiowá como um instrumento de luta dos povos indígenas, um movimento Guarani e Kaiowá fundamental para a manutenção e a manifestação do *ñande reko* (“nosso modo de ser e de viver”, ou seja, o modo indígena) associado à luta pelas efetivações de direitos indígenas. Visto que o Aty Guasu desde 1970 até os dias de hoje passou a atuar para reverter ou contestar as violências contra os indígenas promovidas pelos fazendeiros e Estado-Nação brasileiro.

Os povos indígenas do atual Cone Sul de Mato Grosso do Sul formam uma população de aproximadamente 46 mil indivíduos

Aty guasu omombarete karia’y há kuñatã guarani kaiowa kuerape

Kova kuationa jehaipyre ochuka ñorairo há ñeikoteveva umi karia’y há kuñatã guarani kaiowa kuerape aty guasurupive, uperupive ojerure mba’epa oikoteva ikatu haguãicha ojehecha kuaa há oñehenduve haguã hemikotevere.

Ko kuationa jehaihaguã amomba’e ojehaiva’ekue há ojechukaakue aty guasupe karia’y há kuñatã mba’ekuerava ojeju kuri janeiro 2014pe. Uperupi ajohu porã eterei oje’e akue upepe umi karia’y há kuñatã kuerarupi. upeagui aipyhy há’ekuera he’i va’ekue..

Ko’angareheve Aty Guasu ojehecha peteĩ pu’aka tuicha omombarete hagua jeroky, teko tee, porahei, ñembo’erupive ojejerure ñeñangareko opavave pehengue te’yikuera oimevaguive ñorairõme jeipotavare, Há’eimba’eteevare, yvyrte, mboguera haguãre, temimbo’ere, jehugarãre avei. Oñembojoparamo umiva’e omombarete mbairy ñe’eme heiva etnicidade te’yikuera mba’eva há omomba’eguasuveva há omombareteveva pehengue há pehengue guasu opavave tekoha guarani há kaiowa retãme.

Aty guasu ojehecha umi mboruvicha avei te’yikuerarupi petei tapeicha omombareteve ñorairo opavavere há ñembojoja avei opavave pehengue uperupive omombareteve haguã ñande reko te’yi mba’eteve. Aty guasu ojeju 1970 ro’yhoguive, upeaguive oñepyru ombohovai opavave ivaiva ojejuva te’yikuera, ojejuva’e umi fazenderorupi há avei umi mbairy tekoha guasu Brasilpeguava.

Te’yikuera conesul Mato Grosso do Sulpegua ñembyatyparamo oime 46.000 te’yikuera guarani há kaiowava’e upeagui 60% há’e karia’y há kuñatã ko’ãvagui hetave oime 8 aldeiape terá



os, que pertencem às etnias Guarani-Kaiowá. Sessenta por cento dessa população é formada por jovens, a maior parte está distribuída entre oito aldeias ou postos indígenas (demarcadas pelo Serviço de Proteção aos Índios entre 1915 e 1928). Outra parcela da população Guarani e Kaiowá está assentada em 22 terras indígenas reocupadas por próprios indígenas, as quais se encontram identificadas e demarcadas ou em processo de regularização fundiária pelo governo federal a partir das décadas de 1980, 1990 e 2000. Além disso, existem oito grupos de comunidades ou conjuntos das famílias extensas acampadas de modo provisório na margem da rodovia (BR), aguardando identificação e reconhecimento oficial do seu território tradicional *tekoha guasu*.

Em relação à luta indígena pela demarcação de suas terras, é relevante mencionar que várias comunidades indígenas Guarani e Kaiowá foram expulsas, dispersas de suas terras tradicionais ao longo do século XX, reassentadas nos Postos ou Reservas Indígenas, criados pelo órgão indigenista (Serviço de Proteção aos Índios) entre 1915 e 1930. Diante disso, em meados de 1970, as lideranças das comunidades expulsas começaram a reivindicar a demar-

katu posto ojejapova’ekue SPI rupive 1915, 1928peve, ambue te’yikuera katu oime oiko ambue 22 tekoharupi te’yikuera voi oipyhyjevayakuepe, koava há’e oiva demarcadova abue katu oime mboruvicha governo federalpeve odemarcaguã 1980 a 2000peve. Oiavei 08 pehengue há te’yikuera aty oikova’e tape kotare oha’arova oho jevy hagua itekohateepe tekoha guasu.

Umi te’yi kuerape guarani há kaiowa ojepepeka jevy ijyvure umi mbairy omosẽgui chupekuera itekoha guasugui araka’e século XXrupi, ombyatypa chupekuera petei hendape posto terá tekoha ojejapokue SPI rupi 1915 a 1930 rupi. Uperuive 1970 mbyterupi umi mboruvicha há tendota te’yiva’e oñepyru ojerure há oñorairõ jevy itekoha guasure upe oñemosehaguegui. Upeicha oñepyru aty’imimi ñemongeta haguãicha temikotevere. Uperupive ojapo guarani há kaiowa aty guasu ikatu haguãicha omombareteve ñorairo itekoha guasure há omomba’eteve hagua heko tee.

Aty guasupe umi tendota itujaveva’e umi kariay há kuñatãikuera guarani há kaiowa ndive oñapyti petei guata há ñomongeta opavavere tenonderare há jeguata

cação das terras tradicionais (tekoha) de onde os indígenas haviam sido expulsos. Assim começou a realização da reunião intercomunitária, grande assembleia (Aty Guasu) Guarani e Kaiowá, resistência e luta pela recuperação das parcelas de suas terras tradicionais.

Na grande assembleia (Aty Guasu), as lideranças idosas juntamente com os jovens Guarani e Kaiowá realizam troca de experiência, debatem, concebem e interpretam as significações da realidade cotidiana por eles vivida e experimentada conforme a sua cosmovisão, que assim vai se renovando com as experiências recentes.

Na assembleia política intercomunitária e nos rituais religiosos, os jovens e os líderes idosos desenvolvem as explicações entre eles e planejam as novas ações neste contexto contemporâneo e nos contatos com os não índios.

Os Aty Guasu são realizados justamente para confirmar e demonstrar às crianças e aos jovens comportamentos adequados e atitudes morais vividas e aprovadas pelo povo. As regras do povo indígena Guarani e Kaiowá exigem também que os jovens e crianças participem desse Aty Guasu reu-

porãrare há mba'eicha jeikohare tekohape. Aty guasupe opavavepeguava há avei heko teehepe kariay há kuñataikuera umi tendota ndive oñomongeta há avei ojehesamondo oñondive hekoharãre há ojehe'a haguare umi mbairy kuerarehe oikova tekoha guasu jerere.

Umi aty guasu ojejapo oñembohasa haguãicha umi mitãguerape, pyahukuerape rekorãre tenondevepe há opavavepe ojechuka porã haguã há omotenonde hagua mba'apo ojavova umi tendota itujaveva. Oñemoiva'e umi te'yi ojavova'erame avei ojerure mbarete umi pyahu kuera oime haguã aty guasupe há aty'i oikova tekohape há opavave ojehuva tekohape.

Ñembo'epy Guarani há kaiowa ñembo'e há temimbo'epy há'e ojehuva opa arape opavavendive. Upeicha aty guasupe mitã há pyahu kuera oipyhy upe ñemboepy mba'éicha ojapo há oñemomba'evaerã há mba'eicha oikova'erã guarani há kaiowa rekoeterupi.

Upeicha umi mitã há pyahu kuera oime avei aty guasurupi há jeporeka avei te'yi kuera ndive itekohapeguandive, ojeperoka avei iporavare umi oikovape hekohape. Upei katu oñembohasa avei mbairykue-



nião intercomunitária, rituais religiosos e festa tradicional profana.

Na lógica educativa dos Guarani e Kaiowá, o ensino-aprendizagem é algo que ocorre continuamente e de modo contextualizado. Dessa forma, no Aty Guasu as crianças e jovens aprendem como devem se comportar, viver e lutar de acordo com o modo de ser e viver de povo indígena Guarani e Kaiowá.

As crianças e jovens, desta maneira, estão sempre participando do Aty Guasu e da luta da sua comunidade, buscando instrumentos eficazes para apoiar as demandas contemporâneas de seu povo. A seguir é apresentada a discussão sobre a utilização da internet pelo movimento político dos jovens indígenas para fortalecer as reivindicações da assembleia geral (Aty Guasu) do povo Guarani e Kaiowá.

Importa mencionar que uma das experiências do Aty Guasu dos jovens indígenas foi a utilização de nova tecnologia em favor de seu povo. Aty Guasu da nova geração Guarani e Kaiowá defende que aprender a ler, escrever bem em língua indígena e na língua portuguesa (bilíngue), dominar bem a informática e internet é fundamental no

ra mba'e kuaa herava internet, umi aty pyahukuerarupive oñemombareteve haguã oñeñorairõ hagua ojeipotavare.

Ikatu avei ñanemandu'a umi aty guasu pyahukuera mba'evape oiporuma kuri umi karai mba'ekuaa omombarete hagua interneterupive. Umi aty guasu pyahu kuera mba'e guarani há kaiowa omotenonde jehaiha há kuatione ñemoñe'ẽ omomba'eguasuvoy umi pyahu kuerarupi há'e guaranietepe avei mbairy ñe'ẽme, Nè'ẽ jojape, ojeiporu kuaavaerã internet, koavã tekotevẽ ha ikatuete umi pyahu oipyhy. Ikatu avei ñanemandu'a ko'angagua tendota itujaveva ohechamimima kuatione jehaipyre, ñembohasava opavave oikova upe yvy aperehe há avei mbeguekatupe oñepyruma ohecha avei internetrupi ikatuva oipytyvõ ñemboguatape tekoha guasupe oñeikotevare.

Pyahu kuera guarani há kaiowa aty guasupe oñomongeta hikuai pe kuatione jehaipyrere há internet há'e ojehecha petẽi tape puku tekoteveva ojequata há'erupi, oi umi mbairy kuera ndogueroviaivaekue há ndogueroviaiva umi mitã guarani há kaiowa nomoñe'ẽitaha kuatione jehaipyre, ohaitaha kuatione, oipyhytaha

contexto contemporâneo. Outro fato considerado no Aty Guasu, foi o livre acesso aos líderes indígenas aos livros, às revistas, aos informativos e documentos escritos, à informática e à internet que não conseguiam ler, entender e utilizar de forma eficaz em seu favor.

No Aty Guasu dos jovens indígenas, eles discutiram e tomaram também o aprendizado de leitura escrita e informática como um desafio, pois muitos não índios duvidavam e duvidam que indígenas pudessem ler, escrever, dominar a nova tecnologia e a internet, dizendo que ler, escrever bem, dominar a informática e a internet não eram coisa de “índio”. Diante disso, o Aty Guasu dos jovens Guarani e Kaiowá decidiu lutar contra o preconceito, estigma e aceitaram o desafio. Essa luta foi um dos assuntos avaliados e debatidos amplamente no Aty Guasu dos jovens indígenas em janeiro de 2014.

Por fim, importa considerar que frente às demandas do povo Guarani e Kaiowá, o Aty Guasu dos jovens começou a discutir amplamente que precisavam a dominar e experimentar esses recursos tecnológicos, para utilizarem em defesa dos direitos indígenas e dos interesses de seu povo. Desse modo, no Aty Guasu, é debatido e entendido pelos jovens indígenas que tanto a nova tecnologia como a internet e as redes sociais em parte são e serão capazes de divulgar as situações atuais e as demandas reais dos jovens e das comunidades Guarani e Kaiowá contemporâneas. Para continuar essa importante discussão iniciada e troca de experiências entre os jovens e os líderes há demandas de realização de mais Aty Guasu dos jovens Guarani e Kaiowá.

TONICO BENITES

Membro do conselho Aty Guasu

ñembo'eva internet haekuera heivavoi ojehai porã há ñemoñe'ẽ porã kuationa jehaipyre avei ojeiporu haguã internet ndaha'eiaha te'yikuera peguarã. Umiva'e oñehendugui umi pyahu kuera oñombyaty há oñomombarete oñomomba'eguasuve haguã umi ae'y ojevuhare te'yikuerare há pete'icha oñomombarete hikuai. Upeare heta oñomongeta opavave tekohapeguandive oime va'ekue aty guasu pyahukuera mba'eva ojehuva'ekue janeiro de 2014pe.

Ikatuva ñanemandua've pe opavave ñeikoteveva guarani há kaiowa kuera, aty guasu pyahukuera maba'eva oñeipyrũ oñomongetave tekoteveha ojejapo há ojeypyhy avei umi mbairy mba'ekuaaha umi tecnologia ojejpova ojechuka haguã te'yikuera ojpakuaaha ikatu haguãicha opavave tekoha há te'yikuera oikotevevare há teko porãrãre opavave tekoharehe. Upeicha aty guasu oñomongeta há oipyhy opamba'e porã umi pyahukuera há ohecha avei pe tecnologia, internet há opavave mbairy mba'ekuaaha ikatu ochuka opavaverupi mba'eicha ojeiko tekohaguasupe há maba'epa oñeikotevẽ ikatu haguãicha mboruvicha guasu kuera ohecha mba'eichapa ava rekove. Oñemboguata haguã ko'ãva mba'e porã ojehuva'e tekove ojejpove aty guasu umi pyahu guarani há kaiowa kuerapeguarã.

TONICO BENITES

Membro do conselho Aty Guasu



A hora dos jovens

“Sei que não é fácil levar a vida desse jeito/ Fazer o quê? Me rendo ou luto contra o preconceito?/ (...) Vai achando graça, mas o papo aqui é sério/ Você e sua cachaça mandam muitos pro cemitério (...) Terra sagrada, pra nós é tekoha/ Fazendeiro ocupa, não tenho medo de falar/ De lá pra cá, guerras, conflitos/ Chegou a hora de lutar pelos direitos dos índios”

(Bro MC's – A vida que eu levo)

Nos últimos anos, versos como esses foram um dos principais veículos de divulgação dessa luta que tem comovido e angariado a solidariedade de milhares de pessoas mundo afora. Representantes daquela que constitui, hoje, a segunda maior população indígena do Brasil – os Guarani-Kaiowá, ou, como eles preferem, Kaiowá e Guarani de Mato Grosso do Sul –, os quatro rappers do Bro MC's são moradores da Reserva de Dourados, onde quase 15 mil pessoas, segundo as estimativas mais recentes, se amontoam em 3,5 mil hectares. Ao todo, os Kaiowá e Guarani já são quase 50 mil pessoas – no Censo de 2010, eram 43,4 mil.



Ko ara há'e umi pyahu mba'e

“Aikuaa ke ijetu'u ojeiko ko'ãicha, Mba'e ikatu ajapo? Akiririta terã añorãirota umi mba'evai ojejpova há oje'eva avakuerare?? Epuka katu, ko'ape oje'eva ndaha'ei ñembojaru/Nde há nde taguato resay hetami pemondo sementeriope. Ivy marangatu oreve há'e ore tekoha guasu, fazendeiro oike oipe'a, nda kyhyjei há'e haguã, upeguive ojehu ñorairõ/ oguahema ara jaikovai haguã ñande ava mba'ere”

(Bro Mc's-Che rekove aguerahava)

Jehasa akue ro'yhorupi heta porahei upeichaguava'e ojehai há ojeporahei há uperupive opavave ohenduva oikuaa mba'echapa ñade reko ko arape upeicha poraheirupi opavave uvy apere oiva ohendu há oikuaa ñande jeiko asy. Tenondeguava ochukava ko arape há'e haime-tema ohupyty hetaveva yvypora ojeikovape avakuera Brasilpe. Umi guarani há kaiowa terã kaiowa há guarani há'e kuera he'ihaiha avei guarani Mato Grosso do Sulpegua umi irundy ava oporaveiva'e Bro Mc's pegua oiko tekoha Dourados aldeia-pe, upepe oiko 15 mil te'yikuera ojehaiha-gueicha kuehete, jo'ripa oiko hikuai petẽi

Não é à toa que jovens indígenas de Dourados como o Bro MC's se identificam com o rap que é feito nas favelas das periferias de São Paulo ou Rio. A Reserva de Dourados é um lugar onde o volume de assassinatos, em alguns anos, supera as taxas de países em guerra, e onde o índice de suicídios, sobretudo de jovens, está entre os maiores do mundo. Nas demais comunidades Kaiowá e Guarani a situação é também grave.

Os povos indígenas brasileiros em geral têm experimentado uma forte recuperação demográfica nos últimos anos. Essa virada acontece em virtude da maior resistência a doenças trazidas pelos não indígenas e, ao mesmo tempo, do processo de crescente autoafirmação étnica e relativa melhoria nas condições de saúde. Hoje, entre os Kaiowá e Guarani, cerca de 69% das pessoas têm até 24 anos de idade¹. Essa massa de jovens foi se amontoando em terras cada vez mais superlotadas, enquanto as demarcações de terra seguiram num ritmo muito lento nos últimos 30 anos. O desespero e a falta de perspectivas nas reservas de MS geram uma combinação explosiva, especialmente para crianças e jovens.

Não é com passividade que os indígenas respondem a essa situação. Por todo o sul do estado de MS, dezenas de acampamentos dos Kaiowá e Guarani se espalham pelas beiras de rodovias ou dentro de fazendas, em áreas que ocupam como forma de protestar pela necessidade de demarcar suas terras de ocupação tradicional, chamadas de *tekoha* – “lugar onde se pode viver de nosso próprio jeito”. Articulando a rede de solidariedade entre esses focos de luta surgiu o movimento Aty Guasu (grande reunião).

Desde os anos 1980, psicólogos, psiquiatras, sociólogos, antropólogos e todo tipo de profissional já se impressionou com a

3.500hectarespe. Oñembyatyparamo guarani há kaiowa ohopytyma 50 mil te'yi-oime kuationa jehaipyrere ro'yho 2010pe oĩ araka'e 43.4 milnte.

Ndareiri umi pyahu kuera Douradospegua umi Oporaheiva Bro Mc'schagua ojehecha upe poraheipe, ojejavova pe porahei opavave jeikoasyhape tekoha guasu São Paulo pe há avei Riope. Tekoha Douradospe há'e peteĩ tekoha oikoveva jejuka kuehete ro'yhopeve hetavevoi tekoha guasu jeikovaitteha peguagui, upepe jejuka umi pyahu kuerare tuichave opavave yvyporagui. Ambue guarani há kaiowa tekohape upeicha ojejukava'e tuicha eterei avei.

Te'yi kuera Brasilpeguava opuã ohovo oipyhy hape jeporekarã há oñembyatyve. Kova ojehe oñeñangareko porãvegui mba'asygui ogueruva umi mbairi há avei okambia heko oimeporã mieve itekohape, hembĩ'u, hemity há ndahasy reivei hikuai. Ko'ara umi guarani há kaiowa kueragui 69% te'yikuera ogueroko 24 ro'yhopeve. Ko'áva pyahukuera hetajave oñombyatypa umi tekoha heta oĩhame umi te'yi, upeaja demarcação oguata mbeguekatumi kuehete 30 ho'yhopeve oipyapyve upeicha opavavepe. Jepyapy ndaiporigui mba'eve ombohape haguã tekora umi tekoha Mato Grosso do Sulpeguape upeagui ohopytyve umi mitã há pyahukuerape.

Umi te'yi nombhovaivoi umiape porapype. Opavave Sul Mato Grosso do Sulpe heta oĩ te'yi oikova pe tape guasu kotare terá katu umi karai yvype fazendare, umia ojapo ikatu haguãicha ochuka opavavepe oiko asyha ambue kueragui há omobay haguã mboruvichape ojapo hagua demarcação pe tekoha ojepe'a akue chuguikuera. Tekoha ikatuhape jeiko porã ñande reko tee. Ojejavohape ñembyaty ñemongeta jehechavo iporavaerãre ojehe upe aty guasu.

Ro'yho 80 guive, psicólogos, psiquiatra,

situação na região e buscou propor algum caminho para superar o quadro trágico nas reservas. Em todo esse período, os xamãs e lideranças políticas Guarani-Kaiowá, por seu turno, seguiram dizendo: a solução exige, em primeiro lugar, sair das reservas e recuperar as terras de onde nos expulsaram.

É por isso que é tão importante para os indígenas a realização de eventos como o Aty Guasu dos Jovens e Crianças, promovida pelo movimento Aty Guasu em parceria com a Imagem da Vida. Para eles, não é nenhuma medida de saúde pública ou no sistema educacional que os ajudará a superar o atual quadro trágico, em que, praticamente, uma vez por semana, um indígena, geralmente jovem, se desespera a ponto de buscar o caminho da forca. Organizar-se para lutar pela recuperação de suas terras é a única saída para a crise.

SPENSY PIMENTEL

Professor de Etnologia Indígena na Universidade Federal da Integração Latino-Americana (Unila), realiza pesquisa e reportagem entre os Kaiowá e Guarani desde 1997

sociólogos, antropólogos kuera oñemondyima voikuri ojehevare ko ñande tekohape upeagui ombohassa heta tape ikatuva ojejapo oñekambia pejeikoasy tekoha ryepype. Upeaja umi xamã, Ñanderu há tendota guarani há kaiowa hetavape he'i: tekotevẽ oñesẽ ko tekoha ñande moĩ haguepe há ojehojevũ jeipe'a ñane mba'eteveva yvy ñanemosehaguegui.

Upeagui omomba'eguasu eterei guarani há kaiowa umi aty guasu há'ekuera ojapova pyahu há mitãguerape, ojapova movimento aty guasupagua avei imagen da vida ndive. Chupekuera ndaha'ei omerañehaicha rei ojejavova omonguera haguã mba'asy há temimbo'e moeharupi opavavepe guarãicha omoambueta ojehuva'e ntekoha guasupe ojehechava opa arape peteĩ kariay terá kuñataĩ ndoikuaaveima mbaepa ojapota upeagui ajeaheima ijehe ojejuvy. Ñembyaty peteĩcha ojeheka haguã peteĩ tape iporava'erã opavavepe. Aty rupivemante ikatu jeporeka peteĩjojare oñekambia haguã ojehuva'e tekoha guasupe.

SPENSY PIMENTEL

mbo'eha etnologia ava reheguava Universidade Federal da Integração Latino-Americana (Unila) pegua ojapo jeporeka, ta'anga há ñemongeta guarani há kaiovarehegua 1997 ro'yhuguive



Depoimento Hemerson Cavanha Hemrson Ñe' nguere ore

O meu nome é Hemerson Carlos Cavanha, eu vou falar sobre a minha experiência. Nesses três anos que comecei a trabalhar com o projeto “Olhares Cruzados”, coordenado pela Dirce, aprendi um monte de coisas importantes que ajudaram nós jovens a ir atrás das coisas que a gente quer, atrás das coisas que a gente precisa nas nossas aldeias, no nosso tekoha. Eu vou falar das coisas que a gente precisa: a gente precisa mais de um incentivo para que os jovens conheçam o passado, o futuro e o presente. Que no futuro não dependam muito dos mais velhos, que não dependam só das lideranças de cada tekoha, de cada aldeia, que nós jovens estejamos à frente de tudo e de todos.

Esses três anos de experiência, participei do primeiro “Olhares Cruzados” que teve aqui na nossa aldeia, depois viajei para Brasília para reivindicar um monte de coisas, principalmente na área da saúde, de-

Che rera Hemerson Carlos Cavanha, há'eta che aipyhy akue ñembo'epy.

Ko mbohapy ro'yhope añepyrũakue amba'apo Olhares Cruzadospe omotenondeva Dirce, heta mba'eporã aipyhy ore pyahukuerape oipytyvõva rojerure haguã ore remimbotare, roikoteveva ore tekohape. Há'eta ore remikotevẽre: Roipota ore mongyre'yarã ore reko ymanguare romomba'eguasuve haguã, avei ore renonderãre há ko'angaguava. Tenondevekoty ore voi romotenonde haguã opavave ore rekohape anihaguã umi itujaveva rojekoeterei. Tenondevekoty avei anihaguã roha'ãro eterei liderança kueragui ore tekohapeguagui, ore voi roime haguã tenonde roñorairõ ore remimbotare.

Ko mbohapy ro'yhope, che aimeva'ekue olhares cruzados ñepyrumbype ojehuva'ekue ko tekoha Te'yikuepe, upei aha Brasiliupe opavavere ore mba'ejerure haguã, tesãirãre, demarcação ore yvyre há

marcação e principalmente contra a PEC 215 que só vai contra a gente, contra nós indígenas. E nesse meio tempo aprendi também coisas que darão certo para nós, mostrando um caminho, como dizem vocês, uma luz pra gente seguir. Mesmo que seja pequena, mas para sair desse túnel preto e encontrar essa luz. Essa luz que nos mostrou aqui o projeto “Olhares Cruzados”. Teve muita importância pra nós, nós jovens conseguimos ver, enxergar a nossa frente para dar um passo de cada vez, não pra ir correndo, porque se vai correndo acaba caindo. E então um passo de cada vez para conseguir as coisas.

Essa semana já é a segunda edição do projeto nessa aldeia, e fomos também para as aldeias Arroio Corá e Pirajuí, pra mostrar pros jovens que eles também podem seguir o nosso exemplo. Essa aldeia é considerada por todas as aldeias um exemplo, mas nós ainda não chegamos a isso.

Hoje temos vários projetos. Esse cenário onde eu estou é uma unidade experimental onde têm as hortaliças que são produzidas aqui, que são levadas para ser merenda dos alunos dessa aldeia. Também tem o projeto musicalizando que ensina os jovens, crianças, adolescentes e adultos – só que isso não existe pra nós indígenas. É criança e adulto aqui dentro da nossa aldeia – ensina a tocar violão, aprender músicas clássicas, aprender ao mesmo tempo a história da música dos Karai, quanto a nossa, aí entra também as danças típicas, o modo de tear, pintar, fazer artesanato, entre outras coisas.

Tem também o Ponto de Cultura que junta a informática à informática, que traz informação, tem internet, tem muitas coisas. Que dá para saber o que vem do passado, estudar o passado do Brasil, o presente e o futuro. E também saber que nesse Brasil há muitos indígenas que ainda não

avei ndorjohuporãivare PEC 2015 ñambueva ore mba'egui, avakueragui. Uperupi apyhy peteĩ tape, hendyva'e romuña haguã he'i haicha umi karai. Michimiramo jepe ore pytyvõta rosẽ haguã ko pytunguygui rojohupeve hesakãva. Ko hesakãva ochuka akue oreve olhares cruzados. Iporãeterei oreve, uperu rohecha tenondeve roguata haguã mbeguekatu anihaguãicha ro'a upegui ndaikatui ore akũ tekotevẽmbeguekatu ikatu haguãicha roipyhy ore remimbota.

Ojehuva ko'anga mokõihama ñemba'apo ore tekohape, roho avei tekoha Arroio Kora há Pirajupe rochuka haguã umi pyahukuerape há'ekuera ikatu avei ojapo rojapohaicha. Ore tekoha opavavepe ojehucha porã ne'iteriramo jepe rohupytypa roiptava.

Rogueroko heta ñepytyvõrã ore tekohape. Ko'anga aime hape hera há'e Unidade Experimental opavave je'upy oñeñotyva mbo'eroga mba'eva ojeguerahava mitãnguera ore mbo'erogape ho'uhaguã. Avei oĩ ñembo'epy musicalizando ombo'eva opavavepe ombopu haguã Mbaraka ndaha'eiva ava mba'eteva. Opamba'ekarai mba'ekuaava ombohasa oreve uperupive. Ore mba'eva katu jeroky, ñembo'e, artesanato há opamba'eve.





têm essa capacidade como a nossa, mas vão ter! Esse projeto “Olhares Cruzados” mostra essa capacidade pra nós, que nós jovens temos uma capacidade de seguir em frente sem depender de pessoas mais velhas, de lideranças mais velhas. Muitas pessoas já morreram, mas agora é a nossa vez. A nossa vez de levantar e correr atrás de direitos nossos que são protegidos na lei, e que temos que por em prática.

A importância da organização dos jovens, dessa importância de ir numa outra comunidade, de reunir fazer os Aty Guasu, de ter esse espaço de conversa entre os jovens. Nesses dois que passei em Arroio Corá e Pirajuí, tive uma noção que os jovens de lá não tinham uma visão como a nossa, uma visão plena, uma visão perfeita como dizem. Eles estavam mais perdidos que cego no troteio. Quando fui pra lá, mostrei os projetos que nós temos, pra eles terem uma noção de como iniciar, mostrei pra eles um primeiro passo para eles darem a continuidade. Falei sobre educação, como reivindicar projetos, coisas que não dependem de muitas pesso-

Oĩ avei Ponto de Cultura ombyatyva karai mba'ekuaa, internet há opamba'erei iporáva há ivaiva avei. Internet rupi ikatu opavavepe ñamomrandu ore reko-hague avei ikatu rohecha mba'echapa ojehai ko Brasilrupive. Ikatuavei jahecha ko tekoha guasu Brasilpe heta oiko ava kuera ndoguerekoiva ko'ã ore roguereko-va, ogerekotavyteri. Olhares Cruzados ochuka ore raperã, ore pyahukuera ikatu romboguata ko'áva tembiapo ore tekoharupi rojeroviaetereiyre umi itujavevare há mboruvicha itujavevare. Hetama omano umi imba'ekuaava oremante voi ikatu romboguata teko porãrã. Ore remimbota oime Leipe tekoteve mboruvicha ojapo.

Aty guasu pyahukuera há ojeho ambue tekohape oremombareteve. Uperupive ikatu roñomongetave ore remikoteve-re opavave tekohapeguandive. Ahasa hagnerupi Arroio Kora há Pirajupe ohecha umi pyahukuera nombohapeivyteri imba'ejerure haguare. Oipota katuetevare. Ndahapei etechupekuera kuri. Upepe che achuka chupekuera ore mba'apo ore rekoahpegua ikatu haguãicha upegui

as, que dependem da vontade deles, pois é a vontade que leva a gente para qualquer lugar.

O Aty Guasu pra mim tem uma grande importância, é nela que a gente encontra várias ideias, a gente debate vários assuntos, sobre coisas importantes. A gente debate sobre a demarcação da terra, porque hoje cada aldeia já está ficando pequena, pequena para qualquer indígena. Não dá mais para fazer roça, criar animais tipo galinha, porco, pato, marreco, angola. O Aty Guasu mostra uma visão, dá pra gente debater todos os assuntos e também formar documentos para mandar para pessoas, autoridades, para mandar recursos para as aldeias do Mato Grosso do Sul. E isso traz uma percepção grande pra nós indígenas jovens. Mostra um caminho que a gente tem que seguir. Creio eu que nós estamos no caminho certo.

HEMERSON CAVANHA

17 anos, reside na aldeia Guarani Kaiowá de Te'yi Kue, Caarapó, MS

há'ekuera omotenonde hembiporã. Há'e avei chupekuera oñorãirove haguã hemimbotare umi mboruvichakuera ndive.

Aty guasu cheve iporã eterei, uperupive rombohapepavoi ore mba'aporã há opavave roikotevemivare. Upepe roñomongeta Demarcação rehegua, tekoha michimĩma opyta ndorejaveitama hyepype. Ndaikatuveima ojejapo kokue tuicha, ñemarika, há umi mymba ndaikatui jaguereko ryguasu, kure, pato, angola. Aty guasurupive opamba'e ikatumiva jajapo ore roipyhy avei rohai haguã kuationa romondo haguã umi mboruvicha guasukuerape ombou haguã ñepytyvõ ore tekohape. Upeicha cheverõ roime pe tape porãre há uperupi roguatata roipyhyvo ore remikotev.

HEMERSON CAVANHA

17 anos, Tekoha Te'yikuepegua - Caarapó Mato Grosso do Sul





Depoimento Otoniel Ricardo

Os projetos têm que entender a realidade de cada comunidade, de cada local, ter como objetivo fortalecer a nossa língua *tey ko*, a pintura, a nossa identidade, a luta pela terra.

Outro ponto importante é direcionar como nós indígenas, participando, entendendo como parte na prática.

Quando fala “Olhares Cruzados” a gente olha fixo, o que vem na frente, à direita, à esquerda, o que vem atrás lembra o nosso passado, à direita o nosso redor, à esquerda o que pode prejudicar, em frente o futuro que pode construir juntos o melhor pra nossa comunidade, pra nossa criança, pro nosso futuro da nossa vida de ser como Guarani e Kaiowá.

Os encontros, a organização dos jovens é para fortalecer a nossa união, e o respeito de um pelo outro, de cada jovem, de cada criança, de cada adolescente. A forma de construir de cada *tey koha*, de cada família, por isso é importantíssimo esse encontro, o Aty Guasu. Trazer essa experiência de outras aldeias pra unificar, para pensar construir uma forma de pen-

Otoniel Ricardo he’i va’ekue

umi ñepytyvõ ouva’e tekohape omaña va’erã ojekovare ko arape opavave tekohape, omomba’eguasuva’erã ñane ñe’ê, ñande reko, ñande mbojegua ha jeheka jevy ñande yvyre avei.

Ikatu avei ajehecha ore avakuera ndorojapoa’ãi, ore rojapoteeva voi añeteguacha.

Oje’ejave Olhares Cruzados ore romaña tee voi, ouvare ore renonde, ore kotare há tapykuepe ore momanduava ore rapykuerere, ore kotare katu ore jerere oivare há ikatuva orejapovai, tenonde katu ore rape-rã iporãva’era ore tekohapeguape, mitãnguerape há ore rekorã guarani há kaiowa teevape.

Aty guasu pyahukueramba’eva há’e omombareteve haguã ore rekojoja há ojehechakuaave haguã opavave mitãnguera, pyahukuera avei. Ojñemboguatahaicha tekoha opavave pehengue, upeagui tekoteve oñemomba’eguas upeagui aty guasu pyahukuera mba’eva. Ñambojoja haguã opavave tekohapegua jeikohaicha uperupive ñamombareteve haguã ñande reko tee, ñemboguata haguã teko porã

sar de como lutar e fortalecer a nossa autonomia, a nossa sustentabilidade. E por isso a gente precisa, e é importantíssimo o apoio de vocês não indígenas.

E nós indígenas mostra essa força, essa esperança, espiritualidade na cosmologia Guarani e Kaiowá, construindo uma vida melhor, um futuro melhor pra nossas crianças, nossos adolescentes porque eles são o futuro.

Os projetos onde nós nunca somos consultados não funcionam. Coloca o indígena, não indígena tudo junto no mesmo pacote. Exemplo, a construção da escola: fala que é escola indígena, mas não é indígena, é a escola do *karai* (como eles chamam o não indígena), continua representando a identidade da escola capitalista, autoritária, individualista. A escola para ser indígena tem que ser totalmente diferente: sapê bem fechadinho, redondo, porque a nossa escola pratica no coletivo, não no individualismo. Nós temos que construir, que fazer parte.

É importantíssimo, a gente sempre fala isso, ouvir bastante, respeitar cada cultura, a nossa forma de organização, e construir junto. A partir daí a gente pode fortalecer essa diferença cultural, diferença de entendimento.

Por isso que nós não aceitamos mais o projeto que vem pronto, porque quando vem alimento pronto você não sabe o que tem dentro, de que forma foi feito, mas se nós produzimos, se nós fazemos parte, a gente constrói junto, gostaremos, e sairemos melhor ainda.

Por isso muito projeto deu errado porque é melhor começar com pé no chão com simplicidade, e na prática, correto, e construindo com vocês parceria, dialogando, isso é o fundamental.

Não adianta pessoal vem de fora coloca projeto pronto na aldeia e a comunidade

teko harupi, jeguata haguã ore año upeagui roikotevê peñbairy kuera pytyvõre.

Ore avakuera rochuka ore mbarete ore roipotava’e ore cosmologiarupive guarani há kaiowa, upeicha rojapo porãve ore reko ore rekorã avei mitanguerape há pyahukera avei, há’ekuera omboguatata ore rembiapo tenondevepe., añetehape ndaha’ei, mbo’eroga há’e karai mba’evyteri ojechuka há oguereko vyteri ymãguare mbo’eroga capitalista, há’eseveva há há’eñonte omboguataseva mba’apo. Mbo’eroga ava mba’eva há’e ñambueva’erã: oga kapi’iguiarã ijatyhaguãicha ore mitãnguera, ore mbo’eroga ombo’e ñembaapo oñondivepa petei teko jojape, ndaha’ei há’eño. Ore tekotevê peicha rohecha mba’echapa mbo’eroga roipotava.

Oreve iporã eterei ro’e, rohendu, romomba’eguas avei ore mba’apo há ore rekojoja. Uperupimante romombareteta ore rekotee há ore mba’eteeva tekohaguasupe.

Upeagui ore ndoroipyhyi ouva ñepytyvõ ore roikuaaeyva, há’e tembi’uicha avei uva ndajaikuaai mba’epa hyepype oĩ, mba’eichapa ojejapo. Ore voi rojaporamo opavavendive, upeicha rojapo ore roikuaahaicha há iporaveva ore rekohape guarã.

Umi tembiapo ojejapova ore momarandue’yva ndohopukui. Omoĩmba oñondivepa, ava karai ndive omboguata haguã tembiapo upeagui ndahapei. Mbo’erogavoi há’e pechagua: he’i avamba’eha

Upeichagui oiva’e ñemba’apora terã ñepytyvõ ouva’e ndohopukui, tekoteve ñepyrumby ojejapo ñande py oimeva’erã yvyetepe, há jejapora tekoteve hekoetepeva’erã, ñemongeta há peteicha jejapo upe ñemba’aporã.

Ndaikatui ouva omerañeva okapegua oguerunte ñemba’aporã orendive

não sabe como é que faz. Outro ponto que eu vejo isso dar errado é a forma que a pessoa fala, comunica com a gente, a gente já vê que vai dar errado mesmo.

Quando a gente pensa nós mesmos, apresenta a proposta, discute, reflete e vê como vai ser, aí sim, aí vocês vão colocar em organização sistemática, tecnicamente, e isso vai ajudar muito o projeto a dar certo.

Não colocar no mesmo pacote, como por exemplo, a construção escola padrão, não dá certo, a gente não aceita mais não, pra construir a escola indígena a escola tem que ser diferenciada, tem que ter a nossa cara, a nossa identidade, totalmente diferente. A escola tem que ser fora da sala de aula, não só dentro da quadra. A gente vê que escola padrão mostra isso. Tudo construído bonito, fechado, mas a gente vê que a representatividade do Brasil essa escola é capitalismo, individualismo, nada tem a ver com a escola indígena. Quando fala escola indígena tem que ser diferenciada. É essa é a nossa esperança, a questão de respeitar a diversidade.

OTONIEL RICARDO

Membro do Conselho Aty Guasu

oñe'ëymboive, ore rekohepekua hetavave ndoikuaai mba'echa omboguatata. Oivavei oñe'e vaipava'e, he'ihachante oreve jaroikuaama ndohopukumoãiha.

Ore roipotahaicha ojehairamo rombohasapamavoi mba'epa ikatuva'e oñemoi, ore ro'eva oñehenduramo katuete upe ñemba'apo oguataporãta.

Ndaikatui oremoi hikuai omerañevapau-me, umi mbo'éroga ojejapohaicha, opavave peguarãicha, oreve ndaiporãi. Ore ndo-roipaveima omerañehaichante ojejueru ñepytyvõ re tekohape, hetava'e ndojapoi ore roikkoteveva, roipotahaicha há avei nomomba'eguasu ore reko. Ore mbo'eha tekoteve rjaposehaichava'erã, tekoteve rose okape ndaha'ei ko'ypente umi mboeroga mbairy mba'eicha. Ijapoha he'e iporã eterei ñembo'eha ndaiporãi. Ñemba'po petei ño ndaha'ei ore mba'e.. ore romba'apova oñondivepa. Upea há'e roipotava'e ore te'yikuera ore rekohepeguava'e. upeicha rohecha ore renonderã.

OTONIEL RICARDO

Membro do Conselho Aty Guasu



Boas práticas

Se há uma crítica recorrente que os Kaiowá e Guarani formulam em relação aos karai – como eles chamam os não indígenas – é em relação à falta de cuidado quando propõem os chamados “projetos” para as comunidades.

É bem verdade que muitos dos mais de 60 grupos kaiowá e guarani encontram-se em situação precária, e muitas vezes qualquer tipo de apoio é bem-vindo. Da mesma forma, algumas das antigas reservas demarcadas pelo Serviço de Proteção ao Índio são vulneráveis à ação de órgãos públicos – dos Conselhos Tutelares à Justiça comum, que muitas vezes agem nas comunidades sem conhecer mais profundamente seus valores culturais, suas estruturas familiares, e sem ter o cuidado de buscar nenhum tipo de diálogo.

Mas, sobretudo, as comunidades que, em função de sua auto-organização, conseguiram dar alguns passos rumo à autonomia procuram assumir, cada vez mais, o papel de coordenar essas iniciativas externas de suporte, submetendo-as à sua orientação e evitando que os apoiadores realizem projetos que não se alinham com os ansejos da comunidade e “batam cabeça”, dispendendo energia e recursos de forma inútil.

Esse foi o foco das ações da Imagem da Vida em MS. Buscamos manter em vista: compreender esse movimento dos Kaiowá e Guarani na construção de sua autonomia e aliar-nos às iniciativas já existentes de organização política. A boa prática do projeto “Olhares Cruzados Guarani Kaiowá Pai Tavytera” está em alinhar as ações propostas pelo projeto com as demandas da comunidade, e para tanto o apoio e o diálogo com o Conselho Aty Guasu é fundamental.

Jejapo porã

Umi guarani há kaiowa he'iva'e umi mbairy kuerare, ohenoí haicha, noñangarekoiva avei projeto ojavova'e umi avakuerape.

Ikatuave oje'e hetaveva umi 60 kaiowa há guarani atygui oime oikohasyhape, upeichahape omerañeva ñepytyvõ iporã eterei chupekuera. Upeicha avei ojehu umi tekoha guasu ojedemarcama akuere opamba'e ohasa umi mboruvicha mbairy oiporu tekoha rera oipyhy haguã pyaka ijeupe, avei umi conselho tutelar há avei justiça comum ojavosevante ojapo, nohendui voi maavea tekohapeguape.

Opavavere te'yikuera ojeporekava oheko moñava iporava'erãre te'yikuerape oguata mbeguekatu hina ohovo há'ekueravoi ojapo haguã oñeikotevemiva tekohape anihaguã umi okagui ouva oñeakã mbotaparei ani haguãicha oñembosariparei ouva'e jeiporuva'erã tekoha ryepype.

Koa há'e ñe'ë Imagem da Vidapegua oheka omomba'eguasu umi ñemongetaharupi:

Ojehecha ko'áva aty ojehuva guarani há kaiowa kuera ojavova ojapo oipyhy haguã jeporeka avei ikatumiva ojejapo jeikoporãverã oñembojoja haguã umi oipytyvõare.

Jehecharamo o'iva'e pe Convenção 169 organização Internacional do trabalho heiva opavave te'yikuera mba'eva há tekoteveva ojejapo Brasil oipyhy arakae 2003guive- umiva há'e ikatu ojeporu umi mboruvicha guasurupi omomba'eva haguãicha umi avakura rehegua lei. Artigo 6º, Item C heiva'e mboruvicha tekotevé ojapo ava kuera peguarã hekotee omomba'eguasu há ohenduva'erã há'ekuera hemikoteve ojerurehaichaita ikatu avei omobhasa pira pire upea ojerurehaichaita ojejapo haguã.

Imagen da vida ojavova ogueru há oiporu ojejapomavavoi umi OSCIP projetorupive

Ouvir e respeitar os saberes indígenas e suas hierarquias é uma prática importante não apenas com os Guarani e Kaiowá, mas com todos os grupos indígenas.

Após séculos de descaso e negligência por parte do estado brasileiro, despejos de suas terras, riscos de fragmentação das suas culturas decorrente do impacto com o modo de vida do homem branco, os Guarani-Kaiowá fortaleceram-se internamente para enfrentar esse choque cultural e de valores inevitável da relação com os não índios.

Considerando-se o que está exposto na Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho – que estabelece alguns dos direitos fundamentais dos povos indígenas e é adotada pelo Brasil desde 2003 –, essa prática baseada no ouvir, no respeitar e apoiar-los na busca da autonomia pode ser considerada um referência para as ações entre o governo e esses indígenas. O artigo 6º, item C, do dito instrumento, afirma que é dever dos governos “estabelecer meios adequados para o pleno desenvolvimento das instituições e iniciativas próprias desses povos e, quando preciso, disponibilizar os recursos necessários para esse fim”.

As ações da Imagem da Vida buscaram a convergência entre a metodologia já adotada pela OSCIP em seus projetos anteriores realizados com comunidades tradicionais no Brasil e no exterior, e os meios próprios de organização dos Kaiowá e Guarani.

Neste momento, essa convergência se traduziu no apoio franqueado por meio do convênio firmado pela entidade com a Secretaria de Direitos Humanos e o CONANDA, que possibilitou estimular a participação das crianças e adolescentes nas discussões e fortalecer o Aty Guasu dos Jovens. Em processo de organização desde o final dos anos 1970, o movimen-

umi avakuera Brasilpeguava há avei okapegua ojapova umi guarani há kaiowa rekoetepe.

Ko'anga, umi ñe'ẽ mbojoavy ojuhuvare ojejapo ñe'ẽ ñembojoja ojapova'ehaguã oñondivepa Secretario de Direitos Humanos/PR omongyre'ỹ haguã avei mitãnguera há pyahu kuera oimeve haguã aty guasupe petêicha mombarete haguã aty guasu pyahu kuera mba'eva. Ñembyaty porãrãme ojejapovaekue ro'ỹho 70 paharupi, aty guasu ochukava guarani há kaiowa Mato Grosso do Sul pegua ojechucave ko arape opavave político ava mba'eva ko Brasilpe.

Aty guasu guarani há kaiowa, há'e ombohera upeicha ombyatygui umi ava kuera oñorãirova opavave tekovepe oikovareguive há ojeporekava ambuekuera mbyterupi omomba'eguasupe pe ava kuera remikotevêre, oñorãirova pe tekoha guasure yma ojeipe'a va'ekue chugui kuera, oñemosehaguegui século XXpe umi mbairy ojapojave colonização ko tekoha Brasilpe.

Kova'e ñembyaty, aty guasurupive oñemombarete pe tekohape oñeikoteveare há ojuhuvare avei. Upeagui oñehenoi Aty Guasu. Oiko hagua ñemombarete ojapo hikuai mbohapy aty petêi ro'ỹhope oĩ upe mba'apo omotenondeva herava conselho da Aty Guasu avei kuehete ro'ỹhope opyta avei ochukavo umi mba'apo umi ojehuva ambue tekoharupi há avei oñomongetavo umi mboruvicha mbairy ndive. Ñemongeta avei demarcação itekohar reheguare avei. Upe grupo do aty guasy nomboguatai aty guasu, aty guasu omboguata upe grupo do aty guasu, há'ekuera ojapo upe aty guasupe oje'evaekuate.

Kuehete ro'ỹhope aty guasu ojapove mokõive oipytyvõ haguã chupekuera, Kuña atu guasu, aty guasu pyahukuera mba'eva avei. Upea ojejapo petêi Ñe'ẽ jojape omobarete hagua pavave oñeikoteveva

to Aty Guasu se destaca, hoje, no cenário político indígena brasileiro.

Aty Guasu – grande reunião na língua guarani –, também conhecido como Grande Assembleia Kaiowá e Guarani, é o nome dado a um movimento de solidariedade mútua entre as comunidades desse povo que se engaja na luta pela recuperação de suas terras de ocupação tradicional, das quais elas foram expulsas ao longo do século XX, em função da colonização promovida pelo Estado brasileiro.

Essa articulação intercomunitária tem como ponto forte as assembleias gerais, também chamadas de Aty Guasu. Para manter a organização de cerca de três a quatro assembleias por ano, existe um grupo executivo, o Conselho da Aty Guasu, que, nos últimos anos, também tem se encarregado de representar a organização em eventos externos e inclusive em negociações envolvendo o governo federal – por exemplo, sobre a delicada questão das demarcações de terra. Esse conselho, vale dizer, não dirige a Aty Guasu: pelo contrário, é por ela dirigido, guiando-se pelas decisões que acontecem nas assembleias.

Nos últimos anos, o movimento Aty Guasu decidiu criar dois novos braços, a Aty Guasu das Mulheres, ou Kuña Aty Guasu, e a Aty Guasu dos Jovens. O objetivo é impulsionar a discussão e a luta pelos direitos desses dois segmentos da população Kaiowá e Guarani, especialmente atingidos pela crise humanitária de que esse povo é vítima.

Neste momento em que a Aty Guasu dos Jovens busca firmar-se, a relação com grupos de apoiadores como a Imagem da Vida, com longa experiência no trato com crianças e adolescentes, pode fazer a diferença. Essa é a aposta feita: em vez de “reinventar a roda”, promover diálogo e dar suporte às formas próprias de organização indígena.

tekoha guasupe guarani há kaiowa retãme ojuhuvare opamba'e vai há ava kuera oikoasyvehape.

Ko'anga reheve aty guasu pyahu kuera mba'eva oheka omboapyvo oipytyvõsevere imagen da vidacha ikatu tuicha omombarete upe aty. Upeicha ojeheka iporãvaerãre ojejapo haguã ñemongeta há oñomombareteve haguã upe ava kuera hekohaichaitepe.





Metodologia

O projeto “Olhares Cruzados Guarani Kaiowá Pai Tavytera” foi fundamentado na participação ativa das crianças e adolescentes dos coletivos envolvidos, e contou com o apoio do Conselho Aty Guasu – que reúne as lideranças dessa etnia no Mato Grosso do Sul.

Acreditamos que a “Boa Prática” de trabalhar com o protagonismo juvenil em sintonia direta com os coletivos envolvidos é essencial para a legitimidade e a credibilidade das ações desenvolvidas, o que efetivamente contribuiu para a capacitação e o empoderamento dos jovens Guarani-Kaiowá.

A metodologia desenvolvida mostrou-se eficaz como elemento facilitador de comunicação intergeracional e para o tratamento da questão dos direitos humanos das populações indígenas. Acreditamos que os conhecimentos adquiridos podem ser replicados em outros contextos e irão auxiliar na busca de soluções e formulação de políticas públicas que efetivamente contemplem as necessidades dessas populações.

As ações propostas observaram a seguinte dinâmica:

Mba'eicha ojejapota

Ko tembiapo Olhares Cruzados Guarani, Kaiowa paĩ tavyterã ojejapo ojehechagui mitã há pyahukuera peteĩ oñembyaty há avei oipytyvõ Conselho aty guasupegua ombyatyva mboruvicha kuera avava tekoha Mato Grosso do Sulpegua.

Roguerovia upe jejapo porã ñemba'apo tenondeguava umi pyahukuera oñondivepa peteĩ joaguasupe ikatu haguãicha ojejapo iporãva opavavepe, uperupive oñemobareteve há oipyhyve haguã temimbo'e umi pyahu kuera guarani há kaiowa.

Ojejapova'ekue ochuka heta tape mbykyveva ñemongeta oipyhyva'e ojeporekava umi ava kuera remikotevẽre. Roguerovia avei umi ojeipyhy akue ikatu avei oñembohasa ambuepe oipytyvõta ojeporekavape há ohekava jeikoporã haguã opavave tekohape.

Maba'epa ikatuva ojejapo ochukava.

I – Visibilização da cultura Guarani-Kaiowá: exposição

Em um primeiro momento o objetivo foi visibilizar a cultura Guarani-Kaiowá a partir do olhar de crianças e adolescentes, socializando materiais já existentes no formato de uma exposição. A mostra valorizou a cultura Guarani-Kaiowá e evidenciou sua importância para a formação da nacionalidade brasileira.

Foi escolhido para a montagem um local de destaque e circulação de pessoas: o Espaço do Servidor na Câmara dos Deputados em Brasília. A mostra aconteceu em abril de 2013 e foi composta por painéis fotográficos produzidos a partir de fotografias, desenhos e entrevistas realizadas por crianças e adolescentes das aldeias de Te'yi Kue, Kurusu Amba, Panambizinho e Reko Pave, com pessoas que detêm o saber em suas comunidades. Este registro e investigação foram produzidos com o apoio do PNUD em 2011 e 2012.

Processos:

O primeiro passo foi a contratação de empresa especializada na realização de exposições para garantir a qualidade técnica e artística da mostra, que ficou responsável pela curadoria e seleção dos

I-ojechukave haguã guarani há kaiowa rekotee

Ojejaporañehape oje'e ikatu ojechukave guarani há kaiowa reko tee, umi mitã há pyahukuera ombojojavo umi ojejapomava'ekue, jechuka haguã. Jechuka omomba'e guasuve ojehechauka avei opavave tekoha guasurupive. Ojehecha peteĩ oga oivehape opavave ñambueva, Espaço Do servidor opytava Brasiliape. Jechuka ojehuva'ekue upepe abril 2013pe ojehechauka ta'angarupive, ta'anga ojejapova'ekuegui há jeporeka umi mitã há pyahukuera ojapo va'ekue tekoha Te'yikuepe, Kurusu Amba, Panambizinho há Heko Pave umi oikuaava umãguare reko há oñongatuva. Umi mba'ekuaa ojehai PNUD rupive 2001 a 2012peve.

Jejapova

Ñepyrumbype ojejapova oñeheni mbairy mba'ekuaava ochuka haguã tembiapokue, ikatuhaguãicha osẽ há ojechuka porã umi jejapopyre, há'ekuera oiporavo iporãveva ochukahaguã. Ojechuka jevyva'erã ohecha rañe ara ikatujave ndoiporui câmara dos Deputados omboguata haguã tembiapo há oñomongeta avei umi mboruvicha kuerandive há ta'anga rryri pegua avei ochuka haguã tembiapo. Upe ara ojehe-





materiais. As demais etapas consistiram no agendamento do espaço e na articulação com a Câmara dos Deputados para conseguir agenda; na articulação com autoridades e imprensa para garantir público (ministros, deputados, senadores, público em geral) e a divulgação da mostra. A data foi propositalmente escolhida para coincidir com Semana do Índio, quando a mídia esta sensível a esta temática.

II – Formação, articulação e sensibilização da sociedade e do poder público: I Fórum Direitos e Cidadania na Visão de Crianças e Adolescentes Guarani-Kaiowá

O objetivo destas ações foi sistematizar, priorizar e expor as demandas das crianças e adolescentes Guarani-Kaiowá tendo como foco a garantia dos seus direitos. A estratégia utilizada foi levar 48 crianças e adolescentes para Brasília para exporem suas demandas diretamente aos representantes do poder público.

Processos:

Os consultores do projeto e a equipe da Imagem da Vida realizaram durante cinco meses visitas presenciais às cinco comunidades envolvidas, Te'yi Kue, Kurusu Amba, Panambizinho, Guaiviri e Ypo'i para discutir a temática e realizar atividades focadas nos direitos humanos e cidadania. Essa etapa envolveu a contratação de empresas para fazerem a logística da viagem de 48 crianças, adolescentes e lideranças à Brasília.

cha oñemoĩ haguaicha semana dos povos indígenas jave. Upe arape opavave ochukasevoi avakuera reheguava.

II- Arandu jepyhy, jeporeka há ñembohasa umi mboruvicha Poder Publicopegua: I Fórum ojejavova'erã umi mitã há pyahu kuera ohechavaverupi guarani há kaiowa.

Upe tembiapo ojejapo ombojoja haguã, omomba'eguasu há ochuka haguã umi mitã há pyahukuera remikotevê upeare oñeñorãirõhuaguã. Upeagui ojequeraha 48 mitã há pyahukuera Brasiliupe ochuka haguã hemikoteve mi mboruvichapevoi Poder Público peguape.

Jejavova

Umi omboguatava tembiapo Imagen da vida opavave 5 mesespe uguata umi po tekoharupi, Te, yikue, Kurusu Amba, Panambizinho, Guaiviry há Ypo'ipe oñomongeta jejavorãre umi temikotevere tekohape. Umi tembiapo ojejuhava oipyhyuka umi mbairy rembiapo ogueraha haguã 48 te'yi há'e mitã, pyahu há mboruvicha avakuerava Brasiliupe.

Upepe oñemongeta ojejavova'erã Capital Federalpe ambueve oimeva ndive upepe, FUNAI, SDH, STF, CONSEA, Secretaria Geral da Presidencia da Republica, Niñisterio da Saude, Educação, Desenvolvimento Agrário, Juventude e do Esporte. Upecharamo oñehenoí hagua mboruvicha oñomongeta hagua opavave ava kuera ndive oimeva upepe.

Paralelamente foi realizada a articulação na Capital Federal com diversos órgãos públicos (FUNAI, SDH, STF, CONSEA, Secretaria Geral da Presidência da República, ministérios da Saúde, Educação, Desenvolvimento Agrário, Juventude e do Esporte) para garantir a presença de interlocutores do poder público para dialogar com as crianças e adolescentes Guarani-Kaiowá.

Fo necessária também a articulação com a Câmara dos Deputados em Brasília para conseguir a liberação do espaço; e a divulgação junto à mídia. O período foi propositalmente escolhido para coincidir com as comemorações do Dia da Criança. O Fórum foi realizado no auditório Freitas Nobre da Câmara dos Deputados em Brasília, em outubro de 2013, e contou com a presença de diversas autoridades e ampla divulgação da imprensa.

III – Socialização e ampliação do debate sobre direitos humanos e cidadania com o coletivo Guarani-Kaiowá por meio da realização do Aty Guau de Crianças e Adolescentes Guarani-Kaiowá

Em janeiro de 2014, as demandas levantadas no Fórum de outubro de 2013 por crianças e adolescentes representantes de Panambizinho, Kurusu Amba, Te'yi Kue, Ypo'i e Guaiviri pautou o debate do Aty Guasu que reuniu jovens de 29 comunidades Guarani-Kaiowá do Mato Grosso do Sul, na aldeia de Te'yi Kue em Caarapó.

A viagem à Brasília para participar do Fórum foi um exercício de cidadania protagonizado por essas crianças e adolescentes, pois além de terem conhecido a Capital Federal – centro da formulação das políticas que os atingem diretamente – tiveram a oportunidade de participar de uma Sessão do Supremo Tribunal Federal cuja pauta foi a demarcação da terra indígena Raposa Serra do Sol, e foram recebidos no Palácio do Planalto pelo Ministro

Avei oñekoteve oñemongeta kuri Camara dos Deputados Brasília peguandive ikatu haguãicha oiporuka pe koty guasu ochuka haguã umi tembiapopyre. Upea ara ojejavosevoi kuri mitãnguera araetepe. Upe ate ojehu Camara dos Deputados Brasiliupe outubro 2013pe há upepe heta mboruvicha kuera oho há umi ta'anga ombohasava avei heta oime upepe.

III- Ñembojoja umi ñe'ẽ há ombotuichave ñemongeta Direito humano há Cidadania oñondivepava guarani há kaiowa aty guasurupive, aty guasu mitã há pyahukuera mba'eva.

Janeiro 2014pe oñekotevevare oje'e va'ekue Fórum 2013pe umi mitã há pyahukuerarupi ouva'ekue Panambizinhogui, Kurusu Amba, Te'yikue, Ypoi há Guaiviry peguarupi ombohasa opavave ñemongeta ojehu va'ekue aty guasupe, upepe oime kuri 29 ambue tekohapegua guarani há kaiowa Tekoha Te'yikue Caarapope.

Jehohague Brasiliupe Fórumpe iporãete-rei mbairy he'i ojejapo cidadania ojejavova umi mitã há pyahukuerarupi, ohecha hikuai Capital Federal opavave ojejavopape umi mboruvicha guasu omba'apohape avei oime avei kuri upe sessão ojehuva Supremo Tribunal Federal upepe curi oñemongeta Demarcação Tekoha avakuera mba'ere Raposa Serra do Sol peguare há





Gilberto de Carvalho da Secretaria Geral da Presidência.

Processos:

A realização do evento contou com a articulação dos consultores do projeto, da equipe da Imagem da Vida e das lideranças do Conselho Aty Guasu. A logística de transporte e alimentação de cerca de 300 crianças, adolescentes e lideranças que se deslocaram para a aldeia de Te'yi Kue para participar do evento foi realizada por empresas contratadas para esta finalidade. A articulação com o poder público foi fundamental para garantir a segurança das crianças e adolescentes, e a presença de autoridades para fazer interlocução com elas.

A experiência proporcionou ambientes de diálogo entre os mais velhos e os jovens, promovendo assim a troca de saberes intergeracionais, o que contribui para a formação de novas lideranças afinadas com os ideais Guarani-Kaiowá. O evento oportunizou e ampliou os canais de comunicação entre os jovens participantes e representantes do poder público, e contribui para que se sintam envolvidos na luta e nas decisões que nortearão o seu futuro.

Acreditamos que com base nestas experiências, cujos resultados expressam avanços metodológicos para tratar a temática dos direitos humanos das crianças e adolescentes indígenas, estamos contribuindo para a formulação de políticas públicas que contemplem as reais necessidades e anseios dos jovens Guarani-Kaiowá.

Diversas falas colocaram a importância das lideranças ouvirem os mais jovens e passarem seu

aprendizado para os mais jovens. As lideranças falaram que os jovens precisam se articular e valorizar a sabedoria dos mais velhos, para que sejam parceiros na causa indígena.



oipyhy chupekuera oguahêhape Ministro Gilberto de Carvalho omba'apova Secretaria Geral Da presidênciape.

Jejapova

Aty guasu ojejapokuri oiputyvõgui umi mbairy tembiapo Imagem da vida pegua há mboruvicha guarani há kaiova kuera aty guasu peguavavoi. Ogueraha hagua opavavepe aty guasupe há temb'i'u avei 300 avakuera mitã há pyahu kuerape ojejapo kuri umi ojeporavo akue empresa karai mba'erupivoi. Ñemongeta umi mboruvicha guasu ndive iporãiterei upeagui oñeñangareko porã opavave oimevare upepe avei upepe mboruvicha ndive oñomongeta avei.

Upepe ojehuakue omombay opavavepe oñomongetave haguã umi pyahu kuera itujavevandive upeicha omobhasa ñe'ẽ porã ojoupe há avei ojehecha tenonderãre teko porã há teko jojape jeiko haguã. Aty guasu há'e omoaguí jevy umi mba'ekuaa oguerakova umi itujaveva há ipyahuva avei umi mboruvicha kuerandive upeicha oimeve haguã upe ñorãirõ opamba'eoikoteveva tekoha guasupe.

Roguerovia umi jejapopyre há jehypytyvare omobhasa tuicha ñemboguata porã ojejapo umi mitã há pyahu kuera guarani há kaiovape. Roipytyvõ chupekuera otopa haguã tape pyahu omomba'eguasuve haguã heko tee há ojeporeka haguã oñeiko-tevare itekohape.

Demandas

Diversas falas colocaram a importância das lideranças ouvirem os mais jovens e passarem seu aprendizado para os mais jovens. As lideranças falaram que os jovens precisam se articular e valorizar a sabedoria dos mais velhos, para que sejam parceiros na causa indígena.

1) Terra - mais recursos para a demarcação de terra. Demarcação em todas as *tekoha*. Que a FUNAI faça a imediata publicação da *tekoha* dos Guarani-Kaiowá e Terena do MS. Recuperação de seus territórios para terem espaços para seu modo de vida tradicional, que permita caçar, pescar e praticar a cultura tradicional indígena.

2) Educação - educação diferenciada. Escola de ensino fundamental, médio e ensino agrícola para dar ocupação aos jovens e diminuição da violência. Formação dos professores indígenas, bolsa diferenciada, mais material didático. Cursos pró-jovem.

3) Centro de formação e para reunião dos jovens – centros comunitários (espaço) e



Ñeikotev va

Diversas falas colocaram a importância das lideranças ouvirem os mais jovens e passarem seu aprendizado para os mais jovens. As lideranças falaram que os jovens precisam se articular e valorizar a sabedoria dos mais velhos, para que sejam parceiros na causa indígena.

1 - YVY - Ombouve haguã pira pire demarcação ojapo haguã. Ojedemarca haguã opavave tekoha. FUNAI ochukava'erã opavaverupi umi tekoha guarani, kaiowa há terena Ms peguava. Jeipyhy jevy tekoha tee ajeipe'a vaekue ikatu haguaicha ojeiko avaa tee rekope, omarika, opeka há opavave avamba'eteeva.

2 - Temimbo'e/Mbo'epy - Temimbo' eiñambueva. Temimbo'e ñemboguata, Ensino fundamental, ensino médio há avei temimbo'e Agrícola rehegua ikatu haguã umi pyahu oipyhy hembiaporã ani haguã ojapo ovale'ÿva. Mbo'ehara kuera ogue-rekove haguã temimbo'e, pira pire omboguata haguã temimbo'e, kuatia jehaipyre ava ñe'etepe, opavave temimbo'e avei.

3 - Oga guasy ikatuhape oñembyaty- agoa guasu ikatuhape ojejapo aty guasu pyahukuerape uperupive omombareteve



apoio para reunião das lideranças dos jovens pelo menos uma vez por mês, para ajudá-los a conversar com os jovens e dar apoio para que eles voltem a se preocupar com a comunidade.

4) Esporte e lazer – áreas de lazer para atividades culturais. Construção de escolinha de futebol de campo, vôlei, futsal.

5) Saúde – que cada aldeia tenha pelo menos um jovem contratado como agente de saúde. Postos de saúde adequado e de qualidade, mais funcionários indígenas, valorização dos funcionários indígenas. Mais médicos, mais remédios. Diminuição de cesáreas em mulheres indígenas.

6) Cultura – mais eventos realizados com e para os jovens em todas as *tekohas*. Projetos para os mais jovens que fortaleçam e valorizem a cultura indígena. Valorização da cultura e da crença. Apoio para manutenção de tradições (roupas típicas, reza, comidas, artesanato).

7) Segurança – segurança nas escolas e nas aldeias. Segurança feita pelos indígenas. Presença e diálogo com autoridades, policiais indígenas.

8) Justiça – justiça pelo assassinato de 257 lideranças Guarani-Kaiowá, que esses fazendeiros sejam punidos e que a família receba a resposta de como foi encaminhado o caso. Combate à violência contra lideranças e o povo Guarani. Punição. Memória de todas as lideranças assassinadas por fazendeiros, e foi aprovado o ato em homenagem ao *ñanderu* Atanásio Teixeira. Punição exemplar para quem pratica discriminação contra indígenas.

9) Transporte – melhoria nas estradas, transporte público para jovens. Acesso a meios de transporte para permitir o contato entre as aldeias e acampamentos.

10) Respeito – mais assistência dos governos municipais e estaduais.



haguã teko porã há teko joja.

4 - Jehuga haguã - ojejapova'erã jehugaha renda avei ojejapo hagu-ñembo'e guachire.

5 - Tesã – omoĩ haguã peteijepe pyahy omba'apo hagua agente de saúderamo opavave tekoharupi.posto de saúde iporamieeva, ava kuera tekoteve omba'apo posto de saudepe, hetaveará medico há pohã avei. Kuña imembyjave ani haguaicha ojejapoeteri Cesáreas.

6 - Teko tee – oikove haguã aty umi pyahukuerape opavave tekohapeguape. Nemongyre'ÿ pyahukuerape omomba'eguasuve haguã hekotee. Ojeporeka oipyhy haguaicha ao, artesanato há opavave avamba'eteeva.

7 - Ñangarekoha – oñeñangareko va'erã mbo'erogare. Ava kuera voi oñangareko haguã. Oimeve há ñemongetave haguã mboruvicha avateeva ndive.

8 - Jejapo tekoteeteva – ojejapo haguã justiça umi 257 mboruvicha ava ojejukava'ekuere, umi fazendeiro oho haguã kadeiape há umi omano akue pehengue oikuaava'erã mba'epa ojejapo umi oporojuka akuegui. Ñeñangareko umi liderança avare há umi guarani kaiowa kuera-re. Ñemomandu'a haguã umi mboruvicha ojejuka va'ekuere. Upepe ojejapo mandu'a Ñanderu Atanasio Teixeirape. Ojejapo asy haguã umi oñembohoryva avakuerare.

11) **Diálogo intergeracional** – mais atenção dos *teko âruvicha* para o pedido de ajuda dos jovens para tratar questões como: drogas, suicídios e alcoolismo.

12) **Articulação** – de encontros permanentes entre jovens de diversos *teko*has. Que cada aldeia faça seus encontros, para que possam repassar o que foi discutido nesse Aty Guasu dos Jovens.

13) **Infraestrutura** – água encanada nas aldeias.

14) **Apoio à retomada do *teko*ha Apyka'i** – que recebeu ordem de despejo, onde residem muitas crianças e adolescentes, e estão recebendo muitas ameaças de morte. Querem que não haja despejo.

15) **Comunicação** – só é possível falar em nome dos jovens Guarani-Kaiowá apenas se comunicando ao Conselho Aty Guasu e Conselho Aty Guasu dos Jovens. A comunicação pode ser feita via telefone, e-mail ou outros canais.

9 - **Transporte** – oñeñangareko mieve haguã tapere heta eterei yvykua- oihagua oguerojava opavave pyahukuerape umi ambue tekohape.

10 - **Jehechakuaa** - umi mbairy mboruvicha guasu omañave haguã guarani há kaiowa kuerare

11 - **Ñemongetave** – ñemongetve haguã umi pyahukuera remikotevêre. Ojehembohasava'erã ojapovavare avei droga há Kaña ani haguã ojavyky.

12 - **Ñombyatyra** - oñhaguã aty guasu hetave ikatu haguãicha oñembyatyve opavave tekohapegua. Uperupive oñomombareteve haguã.

13 - **Infraestrutura** – y omoĩ haguã opavave tekohape.

14 - **Yvy jeipe'a akue** - Apyka'i upegui onohẽjevy haguã chupekuera, upepe heta oi mitã, pyahu há mboruvicha avape ojukase avei hikuai.

15 - **Ñe'ẽ**- ikatu oñe'ẽ umi pyahu rerarupi conselho aty guasupegua ohejaramo ikatuta oñe'ẽ hesekuera. Ikatu oñemongeta hendivekuera telefone, email há opavave ikatumivarupi avei.



“O sonho dos Guarani-Kaiowá jamais vai morrer, sempre irá brotar a cada momento, cada segundo, porque a terra é sagrada, por ela nós vivemos, sonhamos, refletimos, fortalecendo a língua, o nosso teko e ninguém pode interromper, a não ser o nosso Tupã Ñanderu.”

OLHARES CRUZADOS GUARANI KAIOWA PAI TAVYTERA

Parceria

Secretaria dos Direitos Humanos – SDH/PR

CONANDA – Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente

Apoio

Conselho Aty Guasu Guarani e Kaiowa

Realização

OSCIP Imagem da Vida

Coordenação

Dirce Carrion

Consultores

Christian Knepper, Spensy Pimentel, Tonico Benites, Otoniel Ricardo

Equipe de apoio

Mayra Leite, Ivie Macedo, Renata Pereira

Fotografias

Equipe OSCIP Imagem da Vida

Direção de arte e diagramação

Estúdio UNIQUA

Versão para Guarani

Edson Cavanha

Revisão de textos

Adriana Amback

Impressão e acabamento

Arvato Gráfica